



## Envelhecimento ativo: breve reflexão sobre novos modos de envelhecer a partir do documentário *Envelhescência*<sup>1</sup>

Juliana de Matos Acquarone<sup>2</sup>

ESPM

### Resumo

Com o acelerado envelhecimento da população brasileira e conseqüente formação de um novo mercado de consumo, intensificam-se as representações midiáticas dos mais velhos. Nas retóricas encontradas em tais representações, o termo envelhecimento ativo, oriundo da gerontologia, ganha repercussão e significados associados a um certo modo de ser e viver durante esta etapa da vida. Apoiando-se no referencial teórico das articulações entre o envelhecimento, a comunicação e o consumo, este trabalho procura identificar como a narrativa das personagens do documentário *Envelhescência* reverbera tais significados. Encontra-se uma forte relação entre o discurso profissional e os testemunhos individuais, que atribuem a qualidade de vida alcançada na velhice, em grande parte, às escolhas individuais, afastando das preocupações sociais a complexidade e pluralidade envolvidas no processo de envelhecimento.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; envelhecimento ativo; comunicação e consumo.

### Introdução

O acelerado envelhecimento da população brasileira inaugura uma profunda transformação na estrutura demográfica do país, até então fortemente identificado como um país jovem. Em 2014, segundo o IBGE, 13,7% dos brasileiros tinha 60 anos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT06 Comunicação, Consumo e Subjetividades, do 6º

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, professora de Neurociências Aplicadas ao Consumo nos cursos de pós graduação Lato Sensu da ESPM/SP, pesquisadora associada ao grupo CNPq de pesquisa GRUSCCO (Subjetividade, Comunicação e Consumo, liderado pela Prof.a Dr.a Gisela G. S. Castro do PPGCOM ESPM) [juliana.acquarone@espm.br](mailto:juliana.acquarone@espm.br)



ou mais<sup>3</sup>, proporção que, até 2060, deve chegar a 33,7%, levando o Brasil a aproximar-se dos países com maior concentração de idosos na população. Os impactos de tamanha mudança na estrutura demográfica refletem-se nos mais diversos aspectos da sociedade – economia, estrutura familiar, relações de trabalho, políticas públicas – o que confere ao fenômeno do envelhecimento expressão e legitimidade e o colocam em posição central no campo das preocupações sociais (DEBERT, 2012).

Entre as diferentes facetas deste fenômeno, destaca-se a formação de um novo mercado de consumo e a consequente atenção dedicada a este grupo pelos meios de comunicação, numa estreita articulação entre a comunicação e o consumo que, segundo Castro (2015), caracteriza a experiência contemporânea. No Brasil e no mundo, proliferam as mais diversas produções midiáticas direcionadas ao público mais velho. De veículos inteiramente dedicados a esse público, como canais online e revistas impressas, a programas específicos nas grades de veículos de comunicação de massa, emergem produções em formatos distintos que propagam imagens do envelhecimento e promovem certos modos de ser e viver esta fase da vida. Como afirmam Feathersonte e Wernick (1995), no desenvolvimento da cultura de consumo, a criação de novos mercados se dá, entre outros fatores, pela produção de imagens e aconselhamento de certos estilos de vida atrelados a determinadas práticas de consumo.

Alguns exemplos em evidência na mídia de grande alcance brasileira são o programa semanal *50+* da rádio CBN – em que renomados convidados debatem com os apresentadores práticas relacionadas a formas de “viver bem depois os 50”<sup>4</sup> – e a série de programas intitulada *Muitos Anos de Vida*, exibida pelo canal GNT, constituída de cinco episódios em formato documental, que propõe-se a responder a partir da experiência de seus protagonistas à pergunta “como atravessar as idades e

<sup>3</sup> No Brasil, a partir dos 60 anos os cidadãos passam a gozar dos direitos assegurados aos idosos pelo Estatuto do Idoso.

<sup>4</sup> Extraído da página do programa na internet – disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/mara-luquet/2015/03/09/50-MAIS-CBN-DISCUTE-PREPARACAO-PARA-VIVER-BEM-DEPOIS-DOS-50.htm> - acesso em 10/05/2016



aprender a envelhecer?”<sup>5</sup>. Tanto a rádio CBN quanto o canal de TV por assinatura GNT pertencem ao maior grupo de comunicação do país, o Grupo Globo, e ocupam posições de destaque em audiência em seus segmentos de atuação<sup>6</sup>.

Diante da crescente presença da figura do idoso nos discursos públicos, interessa refletir sobre quais são as retóricas presentes em tais discursos, suas articulações com lógicas de consumo e a produção de subjetividades, considerando que “os meios de comunicação participam da constituição das subjetividades ao expressar em suas produções o conjunto de valores, saberes e práticas sociais que funcionam como modelos de identidades culturais.” (CASTRO, 2016, p. 88).

Este trabalho procura identificar as práticas discursivas contemporâneas em torno do envelhecimento a partir das narrativas encontradas no documentário *Envelhescência*, filme de longa-metragem lançado no Brasil em 2015 que propõe-se a relatar os costumes, a rotina e o estilo de vida de seis idosos, em diferentes faixas etárias, e oferecer uma nova perspectiva sobre o significado do envelhecimento na vida cotidiana.

### **O envelhecimento como construção sociocultural**

O processo de envelhecimento humano pode, a princípio, ser entendido como um processo cronológico, marcado pela passagem do tempo, e biológico, marcado pelas transformações que essa passagem produz no corpo físico. No contexto sociocultural, porém, é possível observar que o envelhecimento engloba aspectos subjetivos e complexos, impactando as formas de socialização e produção de identidades.

---

<sup>5</sup> Extraído da página do programa na internet. Disponível em < <http://gnt.globo.com/programas/muitos-anos-de-vida/sobre.html>> - acesso em 10/05/2016.

<sup>6</sup> A rádio CBN conta atinge, em média, 157 mil ouvintes por minuto. Disponível em < <http://anuncie.globo.com/sgr/radios/cbn.html>>; o GNT é o canal mais lembrado entre os canais de entretenimento feminino desde 2010, Segundo pesquisa *Top of Mind* Datafolha 2014. Disponível em <[http://globosatcomercial.globo.com/quem\\_somos](http://globosatcomercial.globo.com/quem_somos)> - acessos em 10/05/2016.



Debert (2012) nos ensina que diferentes faixas etárias apresentam diferentes formas de sociabilidade em sociedades distintas. Apesar de estar presente em todas as sociedades, o processo de periodização da vida, ou seja, da marcação da experiência humana em etapas distintas, assume contornos culturais e representações simbólicas que se alteram segundo as transformações históricas. Na experiência contemporânea, segundo a autora, o curso da vida deixa de ser periodizado pelas idades cronológicas e assume contornos muito mais flexíveis, à medida que diferentes gerações compartilham experiências similares, e coetários podem assumir papéis sociais totalmente distintos. Castro (2015) corrobora essa ideia ao lembrar que, nos arranjos familiares atuais, a passagem entre gerações não depende de uma evolução cronológica linear: o avô vira pai novamente e diferentes configurações de família passam a coexistir, enriquecendo o universo simbólico e as experiências que permeiam a atribuição de sentidos para o envelhecimento.

Com o prolongamento da vida cronológica proporcionado pelos avanços da medicina e tecnologia, o curso da vida ganha uma etapa intermediária entre a vida adulta e a velhice. Sem assumir uma demarcação cronológica específica, termos como “meia-idade”, “terceira idade” e “aposentadoria ativa” passam a incorporar um conjunto de significações que propõe um novo modelo de vida ativa e gratificante que, segundo Debert (1997),

[...] desestabilizam expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. [...] indicam, antes, estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida.

Na visão de Castro (2015), tal “ressignificação dos modos de vivenciar e representar a velhice” contrapõe estereótipos negativos comumente associados a essa fase da vida.

Nesse contexto flexível da periodização da vida contemporânea, a juventude e a velhice se desassocia da conotação cronológica e assumem uma natureza simbólica, caracterizada por certos comportamentos, estilos de vida e atitudes.



## A gestão da velhice e o envelhecimento ativo

No centro do discurso midiático acerca do envelhecimento, ganha repercussão a expressão “envelhecimento ativo”, fortemente disseminada pela gerontologia. Segundo Debert (2012), essa especialidade científica multidisciplinar teve seu desenvolvimento a partir do campo médico, tratando o envelhecimento do ponto de vista orgânico, ocupando-se posteriormente <sup>7</sup> de aspectos econômicos e administrativos relacionados à velhice, sobretudo no tocante às políticas públicas, e mais recentemente incorpora uma abordagem sociológica do tema, propondo práticas e políticas acerca das relações sociais e intergeracionais que circundam o envelhecimento. Para Katz (2000, p. 135), “a associação entre atividade e bem-estar na idade avançada parece tão óbvia e indiscutível que questioná-la no círculo da gerontologia seria considerado não profissional, se não uma heresia”<sup>8</sup>. Segundo o autor, a *atividade* é parte de um discurso que busca disciplinar a gestão da vida cotidiana dos mais velhos.

Debert (1997) alerta que a gerontologia, ao transformar as questões do idoso em um problema social, “se empenhou na sensibilização da sociedade brasileira para os dramas do envelhecimento”; o discurso mais recente, entretanto, busca “desconstruir seu objeto de estudo e intervenção, transformando os gerontólogos em agentes no combate à velhice”.

Ao revisar cronologicamente os usos da expressão “terceira idade”, a antropóloga ressalta que desde sua origem na França em meados dos anos 70, a expressão assumiu diferentes contornos. Inicialmente, a “invenção da terceira idade” se caracteriza pela crescente socialização dos temas relacionados à velhice, em especial às políticas públicas e ao direito à aposentadoria, que transformou as pessoas mais idosas em atores políticos, constituindo um segmento da população com

<sup>7</sup> Debert refere-se aqui ao período pós-guerra em que “a problemática econômica e financeira com base na demografia impõe-se no campo político-administrativo”.

<sup>8</sup> No original: “The association of activity with well-being in old age seems so obvious and indisputable that questioning it within gerontological circles would be considered unprofessional, if not heretical”.



representatividade social. Com crescente expectativa de vida e acesso a recursos econômicos mesmo após desligar-se do mundo do trabalho, os indivíduos de mais idade passam a gozar de privilégios e direitos relativamente homogêneos, e constituem, assim, “uma categorial cultural” (DEBERT, 1997). Nesse contexto, um certo modo de envelhecer bem-sucedido, compartilhado publicamente, que presume novas identidades, experiências gratificantes e espaços de sociabilização, passa a representar uma nova etapa da vida que, ao contrário de estar relacionada a uma idade cronológica específica, caracteriza-se por determinados valores coletivos.

Ao tornar-se uma questão pública, essa fase da vida “[autoriza] a colocação em prática de certos modos de gestão” (*ibidem*). Surge assim um conjunto de programas e práticas voltadas à terceira idade, articulado entre o discurso da gerontologia, a mídia e o próprio público a quem esses programas se destinam.

Paradoxalmente, a visibilidade gerada por tal articulação, que transformara as questões relativas ao envelhecimento, antes restritas à esfera privada das famílias e instituições filantrópicas, em questão política e com peso social, acaba por converter-se em lógicas de exclusão, num processo que a autora denomina “reprivatização da velhice” (*ibidem*). À medida em que o discurso público em torno dos modos de gestão da velhice assume que “a eterna juventude é um bem que pode ser por todos conquistado” (DEBERT, 2012, p.33), afasta das preocupações sociais a complexidade e pluralidade envolvidas no processo de envelhecimento, as possíveis perdas a ele relacionadas, e os problemas relativos ao envelhecimento tardio, devolvendo a gestão desta etapa da vida a uma esfera de responsabilidade individual. Para a autora,

A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na representação do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência. Estas situações passam, então, a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. (*ibidem*, p. 15)

A ideia de que os modos de gestão da velhice propagados no discurso midiático convergem para um conjunto de atividades que, ao serem adotadas,



propiciam a conquista da eterna juventude é corroborada por diversos autores: Katz (2000, p. 136) refere-se a um “*nexus gerontológico*” conectando atividade, saúde e o envelhecimento bem sucedido. Featherstone e Wernick (1995) afirmam que as imagens positivas do envelhecimento estão comumente associadas a “um amplo espectro de [...] estratégias, [...] de rotinas fitness a cirurgias plásticas, para reesculpir o corpo de maneira mais juvenil”<sup>9</sup> (*ibidem*, p.11), e que “a juventude e uma atitude positiva em relação à velhice são [...] qualidades que [...] podem ser atingidas pela via de um consumo cuidadoso e estilo de vida planejado”<sup>10</sup> (*ibidem*, p. 10).

Na expressão envelhecimento *ativo*, a ideia de *atividade* incorpora, além do movimento físico, a busca pela participação social, a partir de um status conferido àqueles que adotam determinadas práticas e estilos de vida (KATZ, 2000). Tal status é propagado pela intersecção do discurso gerontológico, das produções midiáticas e do público a quem essa mensagem se dirige (DEBERT, 2012).

### **As representações da velhice ativa no documentário Envelhescência**

O longa-metragem Envelhescência, produção nacional realizada com apoio da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo e patrocínio da marca de roupas íntimas para incontinência Plenitud<sup>11</sup>, foi lançado no mês de Junho em 2015 e exibido inicialmente nas salas de cinema do Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo. A estratégia de lançamento contou com a divulgação de um *trailer* em redes sociais digitais no mês de Abril/2015, que atingiu, em seu primeiro dia, a marca de 35 mil visualizações<sup>12</sup>. As exibições iniciais em São Paulo foram sucedidas de uma série

<sup>9</sup> No original: “a wide range of [...] strategies [...] ranging from fitness routines to plastic surgery in older to reinscribe the body in a more youthful manner”.

<sup>10</sup> Em referência ao estudo de caso realizado por Featherstone e Hepworth (1995) sobre as imagens da velhice retratadas na revista *Pre Retirement Magazine*. No original: “youthfulness and a positive attitude towards aging are [...] qualities which [...] can be achieved through careful consumption and lifestyle planning.

<sup>11</sup> Marca de fraldas geriátricas da multinacional norte-americana Kimberly Clark.

<sup>12</sup> Notícia divulgada pela Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria de São Paulo (SBGG-SP). Disponível em <<http://www.sbgg-sp.com.br/pub/diretor-do-filme-envelhescencia-fala-sobre-inspiracoes-e-personagens/>> - acesso em 10/05/2016.



de sessões de divulgação em eventos voltados ao público interessado nas questões relativas ao envelhecimento, normalmente seguidas por debates entre especialistas, promovidos em diferentes cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro, Campinas, São José do Rio Preto, entre outras<sup>13</sup>. Posteriormente, o filme foi exibido e reapresentado no canal de TV por assinatura Canal Brasil, pertencente ao Grupo Globo, passando em seguida a integrar o cardápio de opções sob demanda da maior provedora de TV por assinatura em âmbito nacional<sup>14</sup>, a NET.

No documentário, seis histórias de vida são narradas por seus protagonistas, em formato testemunhal. Duas personagens femininas e quatro masculinas descrevem como sua rotina, as escolhas que fizeram ao longo da vida e, sobretudo, na chamada terceira idade<sup>15</sup>, moldam uma experiência gratificante e repleta de realização pessoal.

Um médico de 87 anos, que concluíra a faculdade aos 82; um maratonista de 84; um paraquedista de 76; um instrutor da arte marcial *aikido* em atividade aos 89; uma dona de casa que começara a surfar com 58 anos, agora aos 67; e uma viúva de 83 anos que, após a morte do marido, fez a primeira de uma série de tatuagens. Estas são as personagens que narram suas histórias de vida ao longo dos 84 minutos do documentário.

Os testemunhos das personagens centrais e seus amigos e familiares é intercalado com os comentários de três especialistas: o médico e presidente do Centro Internacional da Longevidade no Brasil Dr. Alexandre Kalache, a antropóloga e escritora Miriam Goldenberg e o filósofo e escritor Mário Sergio Cortella.

Kalache é co-autor do documento da Organização Mundial de Saúde intitulado *Active Ageing – A Policy Framework*, publicado em 2002, que conceitua o envelhecimento ativo como “um processo de otimização de oportunidades para a saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas com o

<sup>13</sup> Agenda de exibições extraída do perfil do documentário na rede social digital *Instagram*. Disponível em <<http://websta.me/n/envelhescencia>> - acesso em 15/05/2016.

<sup>14</sup> Informação divulgada pela ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações – referente ao ano de 2015. Disponível em <<http://www.teleco.com.br/optva.asp>>- acesso em 10/05/2016.

<sup>15</sup> De acordo com a concepção de Debert (2012), não refere-se aqui a uma idade cronológica específica, mas ao período de vida e conjunto de valores que caracterizam as personagens.





envelhecimento”<sup>16</sup>. O termo, segundo a publicação, foi adotado pela Organização Mundial da Saúde em meados dos anos 90, visando transmitir uma mensagem mais inclusiva que o “envelhecimento saudável”, já que a saúde física não é o único aspecto a afetar a forma como as pessoas envelhecem. O termo “ativo” traria, assim, uma perspectiva mais ampla sobre os diferentes aspectos da vida que modulam a experiência do envelhecimento.

Katz (2000) ensina que a ideia do envelhecimento ativo tem suas raízes nas primeiras discussões do campo da gerontologia social e que, já no início da década de 50, surgiam os primeiros estudos advogando a tese de que a ociosidade, e não o envelhecimento, aceleram o desenvolvimento de doenças e declínio cognitivo. Em contraponto, retoma estudos geriátricos que relatam que atividades contemplativas e não somente uma agenda ativa seriam eficientes na manutenção da saúde durante o envelhecimento.

Na abertura do documentário, Kalache apresenta seu ponto de vista sobre o contexto em que as práticas associadas ao envelhecimento ativo ganham relevância:

A revolução da longevidade talvez seja a grande transformação do século XXI. Nós não estávamos programados para viver tanto. [...] Isso vai ter uma influência não só para as pessoas que já chegaram a velhice, mas tem uma influência retroativa. Todo mundo vai ter que se preparar [...]. A revolução é completa. Não só do ponto de vista individual, [...] mas é também social, porque tem um impacto em tudo que acontece, e eu diria que, a maior revolução do século XXI, vai ser como eu me preparo para essa longevidade para a qual nós não estávamos preparados antes.

Encontra-se na fala do especialista a reprodução do conceito de reprivatização da velhice formulado por Debert (1997): a ideia de que a responsabilidade não somente individual mas também dos impactos sociais da longevidade recai sobre os indivíduos e o estilo de vida por eles adotado. Tal responsabilidade permeia, nessa afirmação, além do período da velhice em si, todas as fases da vida, naquilo que o médico denomina “influência retroativa”.

---

<sup>16</sup> No original: “Active ageing is the process of optimizing opportunities for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age”.



Nas narrativas das personagens centrais do documentário pode-se encontrar o que Katz (2000, p.140) chama de “padrão retórico”, em que os relatos cotidianos do envelhecimento passam a adotar um vocabulário profissional oriundo, sobretudo, do discurso gerontológico. O conceito de atividade passa, assim, a incorporar a descrição das interações sociais no discurso narrativo, convertendo-se em uma “forma de subjetivação”, em que “o sujeito idoso fica encasulado em uma matriz social onde moral, convenções disciplinares em torno da atividade, saúde e independência passam a representar uma idade avançada idealizada”. (KATZ, 2000, p.140)

Em referência a trabalho de Kenyon, Ruth e Mader intitulado “*the inside of aging*”, Katz afirma que narrativas são “mais do que histórias biográficas: elas são práticas que conectam os conteúdos das histórias e as circunstâncias da narração à arte de representar a vida de forma coerente e significativa” (*ibidem*, p. 144).

No documentário, a narração da história do Dr. Edson, de 87 anos, exemplifica tal afirmação. Ele conta que desde muito jovem sempre sonhou em ser médico, mas por uma série de circunstâncias nunca pode realizar seu desejo. Formou-se farmacêutico e com essa profissão proveu recursos à família durante boa parte da vida. Já com os filhos formados e livre das obrigações do trabalho, decidiu dedicar-se ao velho projeto. Prestou vestibular e começou, aos 78 anos, a cursar a faculdade de medicina. Em suas palavras, “a idade é um fator secundário; se o indivíduo objetiva fazer algo, a idade não é problema de forma nenhuma”. Edméia, a surfista de 67 anos que iniciou a prática do esporte aos 58, também carrega de significado a descrição de sua escolha. “Quando chega em uma certa idade, meus filhos já estavam criados, então eu falei: agora chegou a minha vez! Agora eu vou procurar fazer alguma coisa em benefício a mim! (*sic*)”.

A concepção autopreservacionista do corpo, que Debert (2012, p. 227) descreve como “a ideia de plasticidade do corpo, que pode ser formatado [...] através de uma tecnologia que faz com que as imperfeições não sejam mais tidas como naturais, nem imutáveis” também aparece de forma recorrente nas narrativas de Envelhescência. Não no contexto especificamente estético, mas associando



fortemente as escolhas individuais, sobretudo de práticas esportivas, aos conceitos de saúde e bem-estar e à possibilidade de evitar a velhice, que “tende a ser vista como consequência de descuido pessoal, de falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados”. (DEBERT, 2012, p. 227).

A história do mestre *sensei* na arte marcial *aikido* Ono, de 89 anos, é contada por ele próprio, por alguns de seus alunos, familiares e médicos envolvidos em seu processo de recuperação após uma cirurgia na cabeça do fêmur. Ao descrever como se sentia antes da cirurgia quando experimentava os sintomas da dor, Ono relata: “A dor nada mais é do que um sintoma de anormalidade. Pode ser resultado de atos exagerados na juventude”. Em outro trecho, ouve-se “se eu reclamar que vai doer, isso certamente vai doer”. O depoimento dos médicos envolvidos no diagnóstico carrega a ideia de que a limitação física imposta por uma diferença de 13 centímetros entre as duas pernas não implicou, no caso de Ono, em um obstáculo às atividades esportivas. O ortopedista relata que ele chegou ao consultório com “um raio X que qualquer um não andaria mais”. Entusiasmado, conta que durante a consulta Ono fez movimentos de alongamento elevando a perna até a altura do lustre da sala. Sobre sua recuperação rápida e surpreendente após a cirurgia, apesar da idade avançada, uma aluna revela:

Ele trata de desmistificar isso com uma frase que todos ouvem sempre do *sensei* - qualquer um pessoa faz! [...] Basta você observar seu corpo, conhecer seu corpo, e qualquer um pessoa faz. É isso que ele está mostrando prá gente, que para a superação não precisa ser herói, basta ser dedicado porque, no fundo, qualquer um pessoa faz.

A temática da significação do tempo é pontuada como altamente relevante nessa etapa da vida pelos três especialistas ao longo do documentário, e sua articulação é também observada nas narrativas das personagens centrais, em mais um exemplo de relação entre o vocabulário profissional e os testemunhos pessoais. Kalache recomenda: “Você vai ter que buscar interesses prá não ficar numa velhice arrastada, que vai durar trinta anos e você meio perdido, sem saber o que fazer com esse tempo todo”. O maratonista Oswaldo parece concordar: “A velhice é você se



entregar prá ela. Tem muitas pessoas que se entregam antes do tempo”. Para o *sensei* Ono, uma agenda cheia é sinal de vitalidade: “Feliz é a pessoa que tem do que se ocupar o dia todo”. Ele lembra que quando criança, sentia que “o Domingo demorava a chegar”. Ao longo da vida foi sentindo que os dias ficaram cada vez mais curtos, e que atualmente, com muitos afazeres, não tem “sequer tempo prá pensar”. Goldenberg afirma que com o avanço da idade, o tempo passa a ser percebido como um capital. Para ela, converte-se em uma riqueza, à medida em que a expectativa de tempo futuro fica cada vez menor. Nesse sentido, recomenda que é muito importante ter um “projeto de vida”, ao que correlaciona uma “vida com significado”. Referindo-se ao impacto que a leitura dos clássicos textos de Simone de Beauvoir sobre a velhice teve em sua concepção dessa fase da vida, considera que “apesar da grande miséria que é o envelhecimento para a maioria das pessoas, aquelas pessoas que tem um projeto de vida envelhecem melhor”. Como exemplos de possíveis projetos de vida, enumera um conjunto de atividades: dançar, cantar, fazer cursos, viajar, aprender outras línguas.

Em sua crítica sobre as narrativas da velhice ativa, Katz (2000, p. 144) buscou investigar possíveis incongruências entre o discurso por ele classificado como “nova ordem social pós-guerra”, que dá à atividade um significado de “marca de uma vida responsável”, e as ideias extraídas de entrevistas realizadas com aposentados que vivem parte do ano em um resort perto de Toronto, no Canadá. Como resultado, pode verificar o que denominou uma certa “resistência à gestão das atividades” incorporada no vocabulário profissional. No relato dos entrevistados acerca do conceito de vida ativa, seu significado assume uma conotação impositiva, já que não haveria espaço para outra opção que não uma agenda cheia de compromissos, atividades e cercada por relações sociais.

Castro (2015, p.113), ao refletir sobre as narrativas do envelhecimento que nos circundam, sugere “indagar até que ponto têm sido acionadas, com propriedade, outras imagens – mais plurais, menos convencionais, e não obstante dignas – compatíveis com o envelhecimento em nossos dias”.



### **Considerações finais**

Diante da magnitude das transformações sociais que envolve o acelerado processo de envelhecimento da população brasileira, da complexidade e pluralidade que acompanham a experiência dessa etapa da vida em termos individuais, e da crescente presença das representações da velhice na cena midiática, cabe ao campo da comunicação investigar as possíveis significações que se articulam entre as narrativas das produções midiáticas, os discursos dos experts e o público a quem essas produções se destinam.

Nesta breve reflexão, o documentário Envelhescência foi escolhido como um produto midiático de repercussão expressiva que contempla narrativas tanto de experts como de indivíduos na terceira idade, servindo assim como um objeto abrangente das três instâncias que se buscava representar. Reconhecemos, porém, que ao transformar uma produção artística em objeto de estudo acadêmico, observamos seu conteúdo em um contexto completamente diferente do proposto por seus criadores, descaracterizando-o como trabalho artístico. Assim, sabemos que a beleza e complexidade dos relatos individuais, os exemplos de superação de obstáculos e determinação e a presteza técnica da produção não foi refletida, já que o conteúdo parcial das histórias aqui reproduzido foi utilizado como exemplos das narrativas que se buscava ressaltar, e este trabalho não pretendeu fazer referência específica às histórias de vida das personagens.

O objetivo foi, a partir desses exemplos, discutir à luz do referencial teórico evocado, como narrativas individuais incorporam e repercutem os discursos profissional e midiático que podem, eventualmente, converter-se em uma forma do que Katz (2000, p. 140) denomina “convenção disciplinar” e numa forma idealizada de viver a velhice, que não está ao alcance de todos e não depende somente das escolhas individuais.

Miriam Goldenberg encerra o documentário lembrando que a velhice é uma categoria cultural em que todos, no presente ou no futuro, se enquadram.



Diferentemente de etnia, gênero ou orientação sexual, em que os que pertencem a um grupo não pertencem a outro, a velhice é um estágio da vida que todos experimentarão. Por isso mesmo, acredita-se que as formas de viver essa etapa da vida englobam uma enorme pluralidade, influenciada pelas experiências e preferências individuais, modulada por fatores sócio-culturais, fisiológicos e afetivos.

Nesse início de século XXI, a natureza inédita dos processos de envelhecimento é marcada, por um lado, pela enorme gama de possibilidades trazida pelos avanços tecnológicos e descobertas das ciências naturais e, por outro, pelo vasto referencial cultural de uma geração que, com lembra Goldenberg, liderou os movimentos da contra-cultura nos anos 60 e 70, e está “revolucionando a forma de envelhecer”. O que se procurou problematizar nesta breve reflexão é como tais possibilidades articulam-se em um discurso unísono em torno do envelhecimento ativo que pode, eventualmente, converter-se em um modo imperativo de ser durante a velhice, afastando as possibilidades de socialização e realização pessoal àqueles que, por qualquer razão, não adotarem as práticas por ele articuladas.

## Referências

CASTRO, Gisela G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galaxia* (Online), n.31, p. 79-91, 2016.

CASTRO, Gisela G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. *Comunicação & Educação*, vol. 20, n. 2, p. 101-114, 2015.

DEBERT, G.G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 32, p. 39-56, 1997.

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2012.

ENVELHESCÊNCIA. Direção: Gabriel Martinez. São Paulo: Lado B Digital Films, 2015. 1 DVD (84 min).

FEATHERSTONE, M. E WERNICK, A. (Eds.). **Images of Aging**: cultural representations of later life. London: Routledge, 1995.



# COMUNICON2016 congresso internacional comunicação e consumo

5º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
6º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

---

KATZ, S. Busy Bodies: Activity, Aging, and the Management of Everyday Life. **Journal of Aging Studies**, v. 14, n.2, p. 135-152, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Active Ageing: A Policy Framework**. Geneva: World Health Organization, 2002.